

Do "Estado de São Paulo,"
Manuscrito de Fanfulla,
19. 3. 18

mercado terá de supportar o peso de um "stock" de 7 milhões de saccas não vendidas.

A cotação official, hoje, é de 4\$900, mas as vendas a particulares têm sido feitas até a 4\$100; abaixo desse limite é facil préver a catastrophe.

— Mas, que dique oppôr a esse perigo?

— E' preciso fazer uma operação financeira.

— Uma nova emissão? — interropemos.

— Sim, mas não ha razões para ninguem se alarmar.

O café, como o trigo, como o algodão, é ouro. Uma emissão, garantida por esse producto, não pode representar senão uma operação de character interno e transitorio que, em lugar de enfraquecer fortalece o valor da nossa moeda.

A operação pode ser feita directamente pelo governo federal, por meio de uma emissão garantida pelos "stocks" de café, ou pelo governo do Estado de São Paulo, que, de accôrdo com a constituição, tem o direito de solicitar um emprestimo do governo federal, offerecendo as devidas garantias e fiscalisações.

— Quaes seriam as consequencias dessa operação?

— Optimas, sob todos os pontos de vista.

O preço normal imposto pelo governo será sempre superior ás cotações actuaes, e, em qualquer hypothese, impedirá uma baixa além das mesmas.

A lavoura ficará tranquilla e a economia do paiz retomará a sua vida normal.

Se em todos os tempos se fizeram emissões de papel-moeda, sem correspondentes garantias ouro, a emissão que eu proponho, de . . . 300.000 contos, garantidos por um producto real, equivalente ao ouro, não poderá influir no câmbio, nem alterar a situação monetaria.

Além disso, semelhantę emprestimo, contrahido no interior e sem o onus de juros, não pode ser senão vantajoso para a prosperidade local.

— Em resumo. objectámos, v. s. repete o seu projecto, já tão favoravelmente acolhido em 1903, sobre a valorisação do café, applicando-lhe, em lugar de um emprestimo com deposito no exterior um emprestimo com deposito no interior do paiz.

— Perfeitamente — respondeunos — mas, com esta variante: graças a esta providencia, não só se consegue salvar a lavoura do café e a economia do paiz de uma crise immediata, mas tambem se garantem os interesses do Estado para depois da guerra.

— De que fórma?

— Evitando que outros façam, á nossa custa, a especulação que honestamente o Brasil pôde fazer por si só.

Actualmente, premidos pela necessidade de vender, abrimos mão do nosso café por preço irrisorio, que já compromette os interesses da lavoura e que, se continuasse a baixar, representaria a sua ruina.

O mesmo café, comprado directamente pelo Estado e depositado nos armazens, poderá ser vendido, finda a guerra, a cotagões bem superiores.

A duração da guerra não pôde preocupar: o café adquire valor augmentando de annos e a sua conservação não exige locais especiaes, mas apenas armazens muito simples, absolutamente communs.

O Brasil, possuidor de um "stock" consideravel de café, poderá, no almejado dia da paz, realizar lucros notaveis, em lugar de permittir que se faça em Nova York, e por conta de outros, o monopólio do seu producto.

— Mas, não lhe parece que, finda á guerra, o consumo do café diminuirá e a sua procura será inferior. quer pela diminuição da população dos paizes belligerantes, quer pelas suas condições financeiras criticas, que os levarão a eliminar os generos não de todo indispensavel?

— Ao contrario — disse-nos — julgo que o consumo augmentará.

Antes da guerra, o consumo mundial do café era de 21 milhões de saccas, aproximadamente. A guerra, porém, serviu para diffundir enormente o seu uso e o gosto pelo café.

Pôde-se calcular que 30 ou 40 o/o apenas dos soldados combatentes faziam uso do café em tempo de paz.

Apreciados os beneficios physiologicos da nossa bebida, serão bem poucos, e sómente os de infima condição, os que renunciarão a ella.

Mesmo os inglezes, que por motivos inherentes á sua politica colonial, preferiam o chá ao café, reconhecem hoje as qualidades deste e o apreciam devidamente.

A Allemanha, a Austria, a Russia, a Belgica, a Rumania, a Turquia e a Bulgaria deverão reabastecer-se em larga escala de café, porque durante a guerra, ficaram impossibilitadas de o usar.

Só temos a ganhar, pois, conservando em nossas mãos um "stock" consideravel de café, tambem em relação aos seus efeitos após a guerra.

Exporte-se — concluiu s. s. o mais possivel hoje, mas não a preços aviltantes e ruinosos; mantenha-se alto o valor do café, que é equivalente a dizer-se manter alto o valor de toda a riqueza nacional; e, sobretudo, não se perca de vista o que poderá ser a situação do Brasil depois da guerra, tomando-se desde hoje todas as medidas para a protecção dos seus interesses.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Liga Nacionalista

Conforme estava annunciada, realizou-se no dia 13 do corrente, ás 17 horas, na sede da Liga Nacionalista, a reunião da Comissão de Cultura Civica para tratar dos festejos commemorativos da batalha de Riachuelo, no proximo dia 11 de Junho.

Compareceram á reunião, além do dr. Frederico Vergueiro Steidel, presidente da Liga Nacionalista, e do dr. Thomaz Lessa, secretario geral, os seguintes membros da comissão: Srs. drs. Luiz Barbosa da Gama Cerqueira, Plínio Barreto, Antonio de Sampaio Doria, Julio de Mesquita Filho e Ruy de Paula Souza. Depois de examinada uma proposta do dr. Julio de Mesquita Filho, ficou deliberado que a Liga Nacionalista promovia para o dia 11 de Junho proximo um grande desfile civico, no qual deverão tomar parte todas as classes sociais, principalmente a mocidade das escolas, o exercito, linhas de tiro, esportistas, proletariado, força publica do Estado, commercio, sociedades athleticas, etc.

Ficou tambem determinado que a Liga Nacionalista convidou o sr. ministro da Marinha para vir a São Paulo assistir á commemoração, bem como o sr. general Luiz Barbedo para no dia 11 de Junho realizar nesta capital, uma conferencia patriótica, em nome da Liga.

A situação do café

AG 3.2.6.1.8

O "Fanfulla", em sua edição de hontem, publicou uma interessante entrevista, que um dos seus redactores teve com o sr. conde Siciliano, a respeito da situação do café, e que abaixo transcrevemos, com a devida venia.

O sr. Siciliano, em 1906, foi um dos maiores propagandistas do plano da defesa do café, que, com diversas alterações, foi posto em pratica pelo governo do dr. Jorge Tibiriçá. A sua opinião, hoje, tem a mesma ou maior autoridade, pois o sr. Siciliano, empregando embora a sua actividade e os seus capitães em coisas estranhas á lavoura e ao commercio de café, comprehende perfeitamente que da sustentação da nossa maior riqueza agricola depende tudo o mais que entre nós se estabeleceu e conseguiu firmar, na industria, como no commercio. E' disso que se devem capacitar todos aquelles que, no Brasil, estiverem á testa do governo do paiz. E nunca como agora foi tão necessario ter presente essa grande verdade.

Esta a entrevista do "Fanfulla":

— Na minha opinião — disse-nos — o Estado de S. Paulo está atravessando uma das suas maiores crises, e não occulto que me sinto, por isso, vivamente preocupado, por todas as repercussões que poderia ter esta crise sobre a vida local, sobretudo em prejuizo das classes de colonos e operários.

Não sómente o nosso café não encontra meios de transporte para a Europa e para a America do Norte, quanto o seu preço baixa precipitadamente.

De 6\$500 e 6\$000 descemos a 4\$900 a 4\$100.

Abaixo desses limites, a produção já não é remuneradora, e dahi por diante a situação dos fazendeiros será ruinosa.

O problema, pois, deve ser considerado debaixo de dois aspectos:

1) é preciso assegurar ao café vendido meios promptos e facéis de transporte;

2) é preciso impedir que o stock que permanece não vendido provoque a desvalorisação do producto.

Ha tambem um terceiro aspecto da questão — acrescentou s. s. — o do café depois da guerra, mas vamos por partes.

A primeira parte, com um pouco de boa vontade do governo federal e das nações amigas, pode ser resolvida, ficando os irroductos, á medida que se obtiverem os vapores necessarios para o transporte.

Não acredito, porém, que, apesar disso, se consiga evitar a baixa do preço do café.

— Em que se baseia a sua previsão?

— Em calculos facilimos de se fazer.

A nossa exportação actual mantem-se em cerca de 500.000 saccas por mez, de sorte que, no proximo mez de Junho, nos encontraremos com um "stock" da velha colheita de 4 milhões de saccas, além dos dois milhões comprados pelo governo.

A nova colheita é avaliada em 8 milhões de saccas; e, visto como será um extraordinario milagre se até Junho de 1919 a exportação puder manter-se na proporção actual, ao passo que a falta de vapores se torna cada vez mais aguda, é obvio assignalar que o